

Instituto de Investigaciones Gino Germani

VI Jornadas de Jóvenes Investigadores

10, 11 y 12 de noviembre de 2011

Ana Mannarino

Doutoranda – PPGAV-UFRJ

Eje 4. Producciones y consumos culturales. Arte. Estética. Nuevas tecnologías

Gordon Matta-Clark: *Desfazer o espaço – Tree Dance, Jacob's Ladder e Conical Intersect*

A exposição *Desfazer o espaço* esteve em cartaz no Paço Imperial do Rio de Janeiro de 6 de maio a 25 de julho de 2010, trazendo uma retrospectiva do trabalho do artista norte-americano Gordon Matta-Clark (Nova York, 1943-1978). As salas do Paço foram ocupadas por fotografias, vídeos e documentos – os registros das intervenções, performances e ações que o artista realizou nos anos 1970 em diversas cidades, principalmente nos Estados Unidos, mas também na Europa e na América Latina.

A primeira impressão que se tem é que se trata de uma obra díspar, impressão que se desfaz gradualmente ao nos familiarizarmos com cada um dos trabalhos pelos documentos ali expostos. Pouco a pouco o sentido poético da obra de Matta-Clark emerge das fotografias, vídeos, textos. A unidade não está na forma, nem no tipo de ação ou intervenção, mas nas indagações que são levantadas pelo artista. A própria disparidade formal é parte desse pensamento, que quer abarcar o que é desprezado pelo enquadramento corrente – os modos tradicionalmente aceitos de olhar, entender e ocupar os espaços sociais e urbanos e suas dinâmicas.

Como subverter o espaço urbano, destrinchá-lo, explorá-lo nas facetas nunca imaginadas por seus habitantes, tornar visível o espaço que existe, mas não vemos? A poética de Gordon Matta-Clark procura responder a essas questões por meio de intervenções em construções, ações, performances. Sua obra, quase sempre feita para uma plateia ou em edifícios a serem demolidos, dura o tempo da ação, se desfaz ao concluída. Não permanece a não ser pelos vestígios e documentos, pelos quais podemos reconstruí-las, deixando, contudo, ampla margem para a vermos pelos olhos da nossa própria experiência.

Sua obra é uma reflexão sobre o espaço em sua totalidade, ou seja, como pensá-lo incluindo o que normalmente desprezamos, multiplicando as suas possibilidades e assim repensando seus usos, suas ocupações e, portanto, as relações sociais. Preocupa-se em trazer o olhar para aquilo que normalmente não se vê, ou para o que estamos condicionados para ver de um outro modo. A ocupação tradicional de uma cidade tende a emoldurar um espaço e desconsiderar o que é excluído – como se os vazios fossem espaços inexistentes. Matta-Clark vê o vazio como cheio de energias, potências, possibilidades. Mostra que o que às vezes consideramos como vazio é, na verdade, repleto de vida e atividade. Tem sempre em vista a relação dos espaços com o corpo. É o corpo em movimento, em ação que o ativa. É a ocupação que faz o espaço. Essa mesma questão perpassa a sua obra como um todo, um pano de fundo nas performances, nas intervenções arquitetônicas, nos desenhos. E foi explorada tanto nos níveis formal e espacial, como político e social.

Se, por um lado, sua obra questiona a arquitetura moderna, seu caráter autoritário, que pretende conduzir o modo de vida da cidade impondo usos para os espaços, por outro, é pela relação que temos com os espaços e pelos seus usos que propõe novas relações sociais, afirmando a arquitetura como capaz de cumprir o papel de intervir diretamente na sociedade, ainda que não de modo impositivo, mas propositivo, sugerindo aberturas, possibilidades, fazendo ver e rever. A “anarquitectura”, afinal, não deixa de ser um tipo de arquitetura.

A exposição trouxe a documentação em vídeo de diversas performances de Gordon Matta-Clark, dentre elas *Tree dance* (1971) (foto 01). Nela, o artista propõe um uso para o vazio que permeia as árvores, lembrando-nos a série de pinturas em que Mondrian pintou esses mesmos vazios, em sua pesquisa pictórica sobre o espaço (foto 02). Na performance, esses espaços são desenhados com o corpo. Bolsas feitas de redes de náilon formavam pequenos casulos habitados pelos atores da performance, cujos corpos em movimentos acrobáticos definiam e ativavam os espaços. Espaços aéreos, cuja dimensão não percebíamos, passam a existir como uma possibilidade de ocupação. Trazem à tona o espaço fenomenológico – aquele que existe imbricado no tempo, ligado ao fenômeno do movimento, na sua relação com o corpo. Além de atuar sobre nossa percepção do espaço, os trabalhos problematizam também o convívio social nos mesmos. A quem pertencem? Quem os ocupa? Quanto valem? Quais são os usos possíveis? A performance levanta essas questões propondo um retorno à simplicidade, pelo contato com a natureza sem

muitos artificios, uma “construção” o mais próxima possível do estado primitivo do homem, ocupando árvores, utilizando apenas materiais muito leves e quase invisíveis: escadas de cordas e redes de náilon.

A intervenção *Jacob's Ladder* (1978) (foto 03), feita em Kassel para a Documenta VI, é mais um trabalho de Matta-Clark exposto na mostra (por meio de registros fotográficos) que se preocupa em ativar o espaço vertical. Trata-se de uma escada de cordas que parte do chão em direção ao topo de uma chaminé industrial de 75m de altura, que poderia ser escalada pelo público. O espaço vertical em direção ao céu, que ordinariamente nos parece neutro e sem massa, sem volume, é cortado por uma escada cercada de redes de proteção, um conjunto muito leve, quase linear. Quando alguém a sobe, confere perspectiva a esse espaço, seguindo a linha desenhada no céu. O que era um nada, um infinito informe, adquire proporções e volume, construídos graças à intervenção. As relações usuais entre corpo e espaço são perturbadas em contato com a obra: o corpo se converte em um ponto solto no espaço – um grande vazio vertiginoso e hostil. A referência do título à Escada de Jacó abre caminho para outras interpretações do trabalho além da reverberação física que provoca. A escada do sonho do personagem bíblico o levaria ao céu, a de Matta-Clark nos leva a uma chaminé industrial, convidando a uma reflexão a respeito de onde o homem contemporâneo, na sociedade industrial capitalista, situa o seu “céu”: uma fonte de dejetos industriais. Subir, arriscar-se, contrariar a sua natureza, afastar-se do chão confortável, seguindo um longo e penoso caminho para respirar um bocado de poluição.

A série de diversos trabalhos que fez interferindo nas construções abandonadas ou prestes a serem demolidas nos são apresentadas também por meio de registros fotográficos. Essa série é uma consideração sobre o uso que se faz do espaço urbano, constantemente feito e refeito na demolição e reconstrução de seus edifícios. Em um processo quase manual e solitário, usando apenas ferramentas mecânicas, Matta-Clark faz cortes nas paredes e tetos, criando novos espaços e formas, o que exige um grande esforço físico. Expõe, desse modo, que a lógica das demolições e reconstruções é estranha à lógica do corpo: requerem máquinas, explosivos. Os volumes de dinheiro que impulsionam a destruição pela especulação imobiliária são também de outra ordem de grandeza, pequenas fortunas estranhas à escala individual. Faz com que atentemos para os absurdos que envolvem a cultura massacrante do descartável e do desperdício, aos quais já nos habituamos. *Conical intersect* (1975) (foto 04) é uma intervenção feita em uma construção do

século XVII em Paris, na região de Beaubourg, na época em que o bairro passava por uma grande transformação que envolveu a demolição de vários edifícios de uma das áreas mais antigas da cidade. A transformação da região gerou muita discussão entre os franceses e arquitetos e urbanistas de todo o mundo, sendo um dos detonadores da reação à modernidade que ganhou força nos anos 1960 e 1970. A intervenção de Matta-Clark faz notar um espaço prestes a ser extinto, resgatando um pouco de uma memória que, de outro modo, se perderia totalmente. Os cortes, lineares e geométricos, contrastam com a informalidade caótica da demolição, parecendo querer afirmar a racionalidade da ação e pensamento construtivos contra a entropia da destruição. A intervenção é também uma oportunidade de experimentar a desconstrução dos espaços e volumes cúbicos, de acordo com a observação feita por Matta-Clark em que dizia não entender por que as pessoas insistiam em habitar em caixas. Novos espaços são criados, volumes improváveis, como os gerados pelo cone de eixo inclinado extraído do edifício em Paris. Vale observar que a obra tal como é, criada no espaço tridimensional, não existiu por muito mais tempo. O que ficam são as fotografias, registros bidimensionais, pelos quais podemos ter apenas uma ideia do que foi o espaço criado. Clark as dispôs na forma de colagens, justapondo as diversas vistas, que formam um conjunto com vários pontos de fuga em um mesmo plano, lembrando o recurso usado no cubismo para reduzir a duas dimensões o espaço tridimensional. A tridimensionalidade não é, desse modo, vivenciada, mas deve ser decodificada e reconstruída mentalmente.

Matta-Clark usou a arte como um espaço para se repensarem as relações sociais e políticas, extrapolando o âmbito formal e estético. Campo de reflexão, a sua prática artística não assumiu uma categoria definida, mas valeu-se de vários modos de atuação para instaurar sua poética: performances, intervenções, ações, vídeos, fotografias, desenhos. Desse modo, a arte deixa de habitar os limites de um objeto, para pertencer à ordem das idéias, cujos vestígios materiais, registros, são o ponto de partida para um diálogo com o público. As discussões que suscita sobre o espaço como campo de convívio foi o móvel de muitos de seus trabalhos, vinculando a estética às inter-relações.



Foto 01 – *Tree dance*, 1971



Foto 02 – *Árvore Cinzenta*, 1912 (Piet Mondrian)



Foto 03 – *Jacob's Ladder*, 1978



Foto 04 – *Conical Intersect*, 1975

Referências

Bourriard, Nicholas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Castle, Ted. *Stairway to heaven*. In: <http://www.flashartonline.com>. Acesso em 14 de agosto de 2010, às 19h. Originalmente publicado em *Flash Art International*. No. 90-91 (Jun-Jul,1979).

Gordon Matta-Clark: Desfazer o espaço. Exposição. Rio de Janeiro, Paço Imperial, 06 de maio a 25 de julho de 2010.

_____. Folheto da exposição. Rio de Janeiro, Paço Imperial, 06 de maio a 25 de julho de 2010.

Tschumi, Bernard. “Six concepts”. In: *Architecture and disjunction*. Cambridge: MIT press, 1994.